

GRAMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA

Ânderson Rodrigues Marins

Orientador: Ricardo Stavola Cavaliere

Doutorando

RESUMO: A proposta deste trabalho é a de analisar enunciativamente seis gramáticas contemporâneas, quais sejam, *Moderna gramática portuguesa* (BECHARA, 2015), *Gramática Houaiss da língua portuguesa* (AZEREDO, 2010), *Gramática de usos do português* (NEVES, 2000), *Gramática do português brasileiro* (PERINI, 2010), *Nova gramática do português brasileiro* (CASTILHO, 2010), e *Gramática pedagógica do português brasileiro* (BAGNO, 2012). A função da gramática é a de descrever e explicar de que modo as formas da língua são empregadas, pela consideração de que elas não são autônomas, mas, ao invés disso, são subordinadas ao uso e à norma. A discussão que aqui se inicia mostrará que a linguagem não consiste apenas no manejo de regras gramaticais e processos de codificação ou de decodificação de signos linguísticos. O foco deste estudo sai do mero cotejo e caminha em direção a uma perspectiva enunciativa, levando-se em conta, especialmente, as noções de texto e discurso - este da ordem da imanência, aquele do domínio da realização - que subjazem os compêndios em análise. Para tratar das inúmeras nuances que envolvem as relações entre texto e discurso, fazem-se necessários alguns princípios como os de *interdiscurso* e os de *intertextualidade*, sem considerar as noções de texto e discurso sinonímicas. Norteamo-nos pelo julgamento de que a língua se atualiza em enunciados concretos, em todo formado pela parte material e pelos contextos de produção, circulação e recepção, sem, no entanto, associarmos isso a texto, porque esse termo é, em algumas teorias, marcado historicamente pela maior ênfase ao estudo da composição verbal, material. Por fim, cada uma das seis gramáticas contemporâneas do

português concebidas aqui como *corpus* terão suas perspectivas textuais e discursivas analisadas sob uma visão enunciativa.

PALAVRAS-CHAVE: gramáticas; enunciação; texto; discurso.

Introdução

O intento deste trabalho é o de propor uma concisa análise enunciativa de seis gramáticas contemporâneas, quais sejam, *Moderna gramática portuguesa* (BECHARA, 2015), *Gramática Houaiss da língua portuguesa* (AZEREDO, 2018), *Gramática de usos do português* (NEVES, 2000), *Gramática do português brasileiro* (PERINI, 2010), *Nova gramática do português brasileiro* (CASTILHO, 2010), e *Gramática pedagógica do português brasileiro* (BAGNO, 2012).

O caráter funcional dessas gramáticas é o de descrever e explicar de que modo as formas da língua são empregadas, pela consideração de que elas não são autônomas, mas, ao invés disso, são subordinadas ao uso e/ou à norma. A discussão que aqui se inicia também mostra que a linguagem não consiste apenas no manejo de regras gramaticais e processos de codificação ou de decodificação de signos linguísticos.

O foco deste estudo sai do mero cotejo e caminha em direção a uma perspectiva enunciativa, passando antes por uma descrição dos principais estudos gramaticais considerados os pilares dos estudos que vieram em seguida. Por fim, norteamo-nos pelo julgamento de que a língua se atualiza em enunciados concretos, um todo formado pela parte material e pelos contextos de produção, circulação e recepção.

As bases grega e latina

Ao que consta, a tradição gramatical ocidental se construiu em torno de alguns textos fundamentais, e se pode até assegurar que há mais ou menos quatro textos tidos como fundamentais, que, como tantos pilares, constituíram uma base sólida para tudo o que veio em seguida. Arquitecta-se tais pilares com a *Institutiones Grammaticae*, de Prisciano (VI d. C.), a *Ars Grammatica*, de Donato (IV d. C.), o tratado sobre a sintaxe, de Apolônio Díscolo (II d. C.) ou até mesmo com o estudo sobre as partes do discurso, empreendido por Dionísio da Trácia em sua *Tékhne Grammatike*, no século II a. C. No entanto, antes desses pilares, filósofos como

Aristóteles na Grécia Antiga, já se debruçavam sobre questões ligadas à filosófica da lógica, que mais tarde dera fundamento para a ciência da gramática.

Em relação à denominação “partes do discurso” (*Tékhne Grammatike*), sabe-se que provém do grego *mere lógou*, em que *meros* equivale a ‘parte’ e *mere* é o seu plural. Já *lógos* possui ambiguidade nos dias de hoje. Pode remeter a uma gama de significados na tradição helênica, impossíveis de serem congregados em um único termo nos nossos dias. Pode, assim, ser considerado: conversação, texto, prosa, proposição, enunciado, sentença, razão, pensamento e, como os classicistas costumam traduzir, discurso. Ainda, num momento posterior, seria traduzido pelos romanos como *oratio* (oração), no sentido de arranjo harmonioso de palavras que resulta num enunciado se sentido completo (cf. FORTES, 2012; VIEIRA, 2018). Logo, as hoje denominadas “classes de palavras” estão em pé de igualdade com as expressões “partes do discurso”, dada pelos gregos, e “partes da oração”, dada pelos latinos. Com efeito, nota-se que Bechara (2015), Azeredo (2010), Neves (2000), Perini (2010), Castilho (2010) e Bagno (2012) aproveitam uma gama de termos provenientes dessa tradição greco-latina (verbo, preposição, conjunção, demonstrativo, modo, voz, concordância, sujeito, etc).

Seguramente, há na literatura linguística (cf. NEVES, 2002; PERINI, 2004; SILVA, 2016; VIEIRA, 2018) o consenso de que no século II a. C. foram lançadas as bases dos estudos linguísticos, em virtude de um grande interesse que surgia entre os gregos pelo estudo de sua própria língua. Nessa atmosfera é que nasce a *grammatike*, vista como um instrumento linguístico, já pelos idos de 200 a. C. (PERINI, 2004). A motivação inicial vinculava-se ao interesse em preservar e entender a língua grega. Em paralelo, havia o empenho em comentar os poemas de Homero – a *Ilíada* e a *Odisseia* -, elevados, na cultura da época, a um grau de valor muito maior do que o de simples obras literárias.

A construção da tradição gramatical ocidental em torno de alguns textos fundamentais, constituíram uma base sólida para tudo o que veio em seguida. Com Dionísio (170 – 90 a. C., aproximadamente), o **primeiro pilar**, surge o que se pode considerar a primeira descrição ampla e sistemática publicada no mundo ocidental de uma língua: o grego da Ática, ou grego ático. Dionísio inaugurou uma forma que perdurou e cujos traços essenciais ainda hoje podem ser reconhecidos em obras gramaticais do Ocidente. O filólogo alexandrino, de origem trácia, discípulo de Aristarco de Samotrácia (217/215-145/131 a. C.), é a quem se credita não uma mera autoria, mas a autoria da primeira “gramática-piloto” conhecida de uma língua europeia, a *Tékhne Grammatiké* (*tékhne*: arte, técnica; *grammatiké*: gramática), editada pela primeira vez

no Ocidente em 1715. Diz-se gramática-piloto porque “a *Tékhne* de Dionísio não é a primeira gramática do Ocidente, mas antes a única de uma série de *tékhnai grammatikai*¹ que encontrou respaldo naquele contexto, se tornando uma espécie de “modelo-piloto” de gramática” (cf. VIEIRA, 2018, p. 49). Além desses fatos, surge em consonância com o interesse alexandrino pelos textos da literatura ática: a razão maior da gramática de Dionísio era permitir a leitura dos clássicos gregos.

Quando o assunto se volta para o tratado sobre a sintaxe, ou mais precisamente sobre Apolônio Díscolo (século II d. C.), o **segundo pilar**, tem-se a notícia de que, segundo Neves (2002, p. 69), dentro do quadro da instituição da disciplina gramatical no Ocidente, Apolônio representa o marco da consideração da sintaxe como ponto central da análise linguística, consideração fundamentada na afirmação constante da regularidade existente na união dos elementos.

Com Apolônio Díscolo empreende-se um estudo sistemático e completo da língua grega. Dionísio dedicava-se ao estudo isolado dos elementos (“das partes da oração”), abrigando a fonética e a morfologia e ignorando a sintaxe; já Díscolo buscava a sintaxe, isto é, a relação entre os elementos. Encontram-se notas de que Apolônio tentou desenvolver a primeira ampla teoria sintática do grego, baseando-se na dicotomia nome-verbo e nas suas relações com as outras do discurso. Para formular suas teorias sintáticas, no entanto, recorria ao sistema de partes do discurso e à análise morfológica de Dionísio. Deve-se, ainda, a esse gramático, o prognóstico do nascimento das ideias de sujeito, objeto e outros conceitos sintáticos que surgiram depois, como regência. Ademais, dedica atenção às relações de concordância e sugere o conceito estruturalista de constituintes imediatos, ao se referir ao inter-relacionamento de constituintes da frase (VIEIRA, 2018, p. 61-2).

Depois de Apolônio Díscolo, o **terceiro pilar** de que trataremos é, de Élio Donato (IV d. C.), a *Ars grammatica* (Arte gramatical). A “*Ars* de Donato é o manual de referência durante toda a Alta Idade Média e até o Renascimento, apesar da concorrência progressiva de Prisciano” (COLOMBAT *et al.*, 2007, p. 113). Na verdade, a obra de Donato permaneceu como fonte de consulta e referência por aproximadamente onze séculos após seu surgimento, servindo de testemunha o texto didático redigido por Mathias Ringmann, no século XVI (1509), com o

¹Entenda-se que as *tékhnai* “(plural de *tékhne*) eram um gênero da escrita que elencava definições dos objetos de determinada área, não necessariamente gramatical, e as explicava. Além da gramática, elas teriam servido, por exemplo, à medicina e à retórica.” (VIEIRA, 2018, p. 48).

sugestivo título *Grammatica figurada – octo partes orationis secundum Donati* (VIEIRA, 2018). Esses fatos se devem certamente devido algumas de suas características peculiares, entre as quais estão o método sistemático de exposição do conteúdo e o cuidado maior com a estruturação da gramática.

Em termos estruturais, a obra de Donato está mais próxima daquilo que se entende nos dias de hoje por gramática tradicional do que as que a antecederam. O modo ensaístico das obras anteriores se distancia da maneira de descrever e elencar os conteúdos gramaticais em Donato. Desde a *Téckne* de Dionísio não se viu tamanho cuidado com a estruturação da gramática. Com Donato, as partes da gramática passam a contar com seções mais numerosas e claras, além de uma estrutura predominantemente topicalizada e, em dados momentos, simulase inclusive diálogos com um possível leitor (cf. DEZOTTI, 2011, p. 108, 130).

Por quarto e **último pilar**, cite-se as *Institutiones Grammaticae* (*Fundamentos gramaticais*), de Prisciano de Cesareia (VI d. C.), que, ao lado da *Ars Grammatica*, de Élio Donato, fez com que esses dois gramáticos latinos se tornassem os mais estudados na Idade Média.

Colombat (2007) explica que a obra de Prisciano é composta por 18 livros (2 livros de fonética, 14 consagrados às partes do discurso e 2 dedicados à sintaxe). Trata-se da primeira obra gramatical *completa* do mundo ocidental, que associa uma fonética, uma morfologia e uma sintaxe. Segundo Colombat (*op. cit.*, p. 114), é importante destacar que nem Apolônio nem Prisciano fazem uso da noção de função; nenhum deles utiliza os conceitos de sujeito e predicado, o que faz cogitar que se trata mais ainda de uma morfossintaxe do que de uma sintaxe “verdadeira”.

A ideologia dos autores das gramáticas contemporâneas

Que cada Autor das gramáticas contemporâneas diz acerca de sua obra?

- **Sobre a *Moderna gramática portuguesa***: Bechara afirma que se trata de uma gramática normativa assentada no que chama de língua padrão exemplar e destinada a servir ao usuário que, através dela, busque aperfeiçoar seu conhecimento.
- **Sobre a *Gramática Houaiss da língua portuguesa***: Azeredo diz que sua gramática foi escrita pela ótica de um professor de língua portuguesa, formador de futuros professores de

português, que precisam ser apresentados ao que ele chama de variedade padrão escrita do português em uso no Brasil.

- **Sobre a *Gramática de usos do português*:** Neves declara que sua gramática descreve sistematicamente os usos escritos do português (particularmente do Brasil), a partir do exame de ocorrências reais retiradas de um *corpus* de língua escrita e amparado em pressupostos do funcionalismo linguístico (sintaxe, semântica e pragmática integradas), refletindo sobre o papel da gramática na organização discursivo-textual.
- **Sobre a *Gramática do português brasileiro*:** Perini parte do pressuposto de que a gramática merece lugar no currículo escolar como disciplina científica, assume que a ciência não é um corpo de conhecimento, mas um método de obter conhecimento, e se propõe a fazer um trabalho científico e descritivo da língua falada no Brasil.
- **Sobre a *Nova gramática do português brasileiro*:** Castilho diz que busca clarificar cientificamente a gramática do que denomina português brasileiro, a partir de uma perspectiva que ele classifica como multissistêmica de conteúdo funcionalista-cognitivista, que capta a língua em seu dinamismo, como um conjunto articulado de processos distribuídos em quatro sistemas: o léxico, a semântica, a gramática e o discurso.
- **Sobre a *Gramática pedagógica do português brasileiro*:** Bagno diz que o propósito de sua gramática é preencher lacunas que existem na formação docente, apresentando os traços principais do que denomina português brasileiro urbano culto contemporâneo e propondo que esses traços sejam incorporados ao ensino de língua portuguesa ao lado das variantes elencadas pela tradição gramatical.

Gramáticas contemporâneas em perspectiva enunciativa

Antes do convite para uma leitura mais atenta, a fim de notar a clara **orientação dialógica** que subjaz o **discurso gramatical** presente em cada obra, convém explicar a natureza da expressão **orientação dialógica**. Segundo o linguista russo Mikhail Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Isso quer dizer que o enunciador para construir seu discurso, leva em conta discursos outros, que está presente no seu. Todo discurso, portanto, é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. Todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão,

são dialógicos (cf. FIORIN, 2017). Existe em tais enunciados uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro.

O discurso gramatical demonstrado é aquele para além de regras de uso da língua. Resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (identidades, intencionalidades, etc) com a maneira pela qual se fala ou escreve. Não convém adstringir, portanto, essa expressão à concepção de que o discurso que está nas seis gramáticas contemporâneas está sempre e unicamente vinculado às regras de uso da língua. Em vez disso, vê-se um discurso que promulga histórica ruptura na tradição das gramáticas do português brasileiras e se inclina às mais diferentes teorias linguísticas, e que, por essa e outras razões, efetiva-se numa relação dialógica.

É evidente que

a revelação das fragilidades teóricas, conceituais e empíricas da doutrina gramatical e o reconhecimento científico do PB [Português do Brasil] como uma entidade linguística plena, legítima e autônoma, associados à crítica ao ensino da norma-padrão e da nomenclatura e conceitos gramaticais como sinônimo de ensino de português, levaram à redefinição do papel da gramática tradicional e do seu espaço no âmbito acadêmico, ao que a produção brasileira de instrumentos gramaticais não poderia passar incólume (VIEIRA, 2018, p. 240).

Logo, ratifica-se que:

- A **Moderna gramática portuguesa** (38ª edição, 2015), reúne alguns recentes estudos linguísticos dentro das vertentes da Teoria da Enunciação, da Pragmática, do Gerativismo, além de influência das concepções funcionais da linguagem e da Linguística Textual (cf. VIEIRA, 2018, p. 218; CAVALIERE, 2014, p. 20).
- A **Gramática Houaiss da língua portuguesa** (4ª edição, 2018) reúne estudos sob influência da Linguística da Enunciação, da Pragmática e da Linguística Textual, além de também adotar concepções funcionalistas de Michael Halliday e Romam Jakobson (cf. FARACO; VIEIRA, 2016, p. 297-8)
- A **Gramática de usos do português** (4ª reimpressão, 2000) incorpora fundamentos do Funcionalismo linguístico e da Pragmática (cf. CAVALIERE, 2014, p. 20)
- A **Gramática do português brasileiro** (1ª edição, 2010) incorpora fundamentos do estruturalismo e do Gerativismo.

-
- A **Nova gramática do português brasileiro** (1ª edição, 2010) segue fundamentos de uma Teoria Multissistêmica de forte conteúdo funcionalista-cognitivista (CASTILHO, 2010, p. 32).
 - E, por último, vê-se na **Gramática pedagógica do português brasileiro** (1ª edição, 2012) uma forte inclinação aos fundamentos funcionalistas, além de considerar de “fundamental importância uma abordagem discursiva de fenômenos linguístico-gramaticais: gramática, interação e discurso são apresentados como indissociáveis”, além de estar a “favor de uma noção de língua enquanto atividade social e de um estudo da língua efetivamente em uso.” (FARACO; VIEIRA, 2016, p. 298).

A par da recorrência às mais diversas teorias linguísticas e de certos pontos que distanciam as gramáticas, alguns assuntos não deixam de convergir. Tal convergência é evidentemente atravessada por uma orientação dialógica, visto que essa orientação, via de regra, pode, além de contratual, ser polêmica, divergente ou convergente, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo (FIORIN, 2017, p. 28.).

Assim

o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto a situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc (BAKHTIN, 2014, p. 128).

Assim, salvo as devidas particularidades epistemológicas e o modo como cada obra manifesta a seu modo a elasticidade e a plurivocidade do que se entende por livro de gramática (cf. FARACO; VIEIRA, 2016, p. 294), todas de certo modo:

- Apresentam certa reflexão teórica sobre a natureza e o funcionamento da língua(gem);
- Descrevem aspectos da morfologia e da sintaxe do português brasileiro (ou do português do Brasil, ou ainda e somente do português);
- Expõem conteúdos linguístico-gramaticais por meio de (sub)categorizações, definições e exemplificações, com base em usos linguísticos autênticos ou forjados;
- Valem-se de uma gama de termos que remontam à tradição gramatical greco-latina (verbo, preposição, conjunção, demonstrativo, modo, voz, concordância, sujeito, etc).

Existem, a rigor, algumas hipóteses gerais acerca do funcionamento do discurso, que se podem vincular ao discurso gramatical, entre as quais figuram as *restrições do contrato de comunicação* no qual se inscrevem os textos (entre elas a finalidade e a identidade discursiva

enquanto gramáticos, legitimados como autoridades intelectuais), os *espaços de estratégias* vinculados a uma situação de comunicação (entre elas a de legibilidade e credibilidade) a fim de determinar as *características do gênero* (o gênero gramática, ao qual pertencem os textos, as *variantes do gênero* (tipologia) (CHARAUDEAU, 2007). A rigor, esses juízos de certo modo estão a reger o discurso gramatical.

Com efeito, o discurso é fundador da língua, e ela, por certo, não é o todo da linguagem. Pode-se dizer que a língua não é nada sem discurso, competindo a este colocá-la em funcionamento e regular seus usos, de que depende a identidade discursiva que, neste caso, se refere à identidade do gramático. Decerto que discurso não é língua, embora seja com ela que se fabrique discurso e que este, num efeito de retorno, a modifique. Na verdade, a língua volta-se para a sua própria organização, em diversos sistemas que registram os tipos de relação que se instauram entre as formas (morfologia), suas combinações (sintaxe) e sentido, mais ou menos estável, de que essas formas são portadoras segundo sua rede de relações (semântica). Assim, descrever a língua é descrever regras de conformidade a serem repertoriadas em gramáticas e dicionários.

Considerações finais

Nas gramáticas contemporâneas em estudo, a diferença reside, por um lado, no que cada Autor/Enunciador procura imprimir enquanto concepção de estudo da língua e suas regras de uso; e, por outro, no sentido transmitido nas gramáticas em quanto lugar de organização do dizer, mediante uma série de restrições e estratégias preconcebidas.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3 ed. – São Paulo: Publifolha, 2010.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6^a. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16^a. ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

BARBISAN, L. B.. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Revista LETRAS**. Santa Maria: UFSM, nº 33, jul./dez. 2006, p. 23-35.

BATISTA, R. O. (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BECHARA, E.. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (orgs). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2017.

CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.

CABRAL, L. S. **Introdução à linguística**. Porto Alegre: Globo, 1976.

CAVALIERE, R. **A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

CHAPANSKI, G. **Uma tradução da Tékhne Grammatike, de Dionísio Trácio, para o português**. Dissertação (Mestrado em Letras). Curitiba, UFPR, Programa de pós-graduação em Letras, 2003.

CHARAUDEAU, P. Dize-me qual é teu *corpus*, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim**. Volume 10, p. 01-23, Dezembro 2011.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In. PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (org.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

COLOMBAT, B. *et al.* **Uma história das ideias linguísticas**. São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, T. A. **Evanildo Bechara e a(s) Moderna(s) gramática(s) portuguesa(s): autoria, (re)produção, (re)formulação e circulação de dizeres sobre a língua no/do Brasil no século XX**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói –RJ, 2016.

CREMONESE, L. E. **Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Linguística da Enunciação**. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2007.

DEZOTTI, L. C. **Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: USP/Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas e Vernáculas. 2011.

-
- DUCROT, O. **Estruturalismo e linguística**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- _____. **Dizer e não dizer**. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- _____.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, nº 1, jan./mar. 2008, p. 7-18.
- ELIA, S. **Ensaio de filologia e linguística**. São Paulo: Editora Grifo, 1975.
- FARACO, C. A.; VIEIRA, F. E. **Gramáticas brasileiras**: com a palavra, os leitores. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- _____. Gramáticas em perspectiva. In: FARACO, C. A.; VIEIRA, F. E. **Gramáticas brasileiras**: com a palavra, os leitores. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FARIAS, W. S. As gramáticas dos linguistas no Brasil: efeitos de sentido polêmicos sobre a língua a re-conhecer. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 105-122, jan./abr. 2014.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. - São Paulo: Contexto, 2017.
- FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013a.
- _____. Semântica da enunciação. In: JUNIOR, C. F. & BASSO, R. (org.). **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013b.
- _____.[et al.]. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____.[et al.]. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MARINS, Â. R. **Linguística e Gramática**: fatos do sistema. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.
- MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORALIS, E. G. Evanildo Bechara: entre a tradição gramatical e a nova corrente moderna. **Sínteses**, São Paulo, v.13, p. 227-247, 2008.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____; CASSEB-GALVÃO, V. C. **Gramáticas contemporâneas do português**: com a palavra, os autores. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

OLIVEIRA, L. A. (org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed. – São Paulo: Editora Ática, 2007.

_____. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006.

PERNAMBUCO, J.; FIGUEIREDO, M. F. O ensino do texto e da gramática a partir das contribuições bakhtinianas. **Coleção Mestrado em Linguística. Nas trilhas do texto**, v. 5, p. 01 – 28, São Paulo: Editora Unifran, 2010.

SOARES, L. A. A. Cinco gramáticas contemporâneas: leituras e concepções. **Revista DLCV – Língua, Linguística & Literatura**. Paraíba: UFP, v. 13, nº 2, jul./dez. 2017, p. 48-64.

VIEIRA, F. E. **A gramática tradicional**: história crítica. São Paulo: Parábola, 2018.

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1989.